

A formação docente na perspectiva do acadêmico do curso de Educação Física

Juliana Ludwig Justo*

RESUMO: A proposta deste ensaio é a formação docente na perspectiva do acadêmico do curso de Educação Física, buscando um novo olhar sobre esta realidade que é acrescentar ao debate a perspectiva do acadêmico. Entender como o mesmo percebe seu processo de formação. Toda curiosidade nasce de uma relação direta com um fenômeno. Pensamos então, quais as aprendizagens realmente significativas e relevantes para a formação e atuação desse futuro profissional na realidade escolar para lidar com todo esse contexto de diversidades.

PALAVRAS-CHAVES: escolarização, Educação Física e formação.

ABSTRACT: The proposal of this essay is teacher training under the perspective of the physical education undergraduate student, searching for a new look at this reality adding to the debate the perspective of the student, attempting to understand how this training process is understood by the student. Curiosity stems from a direct relationship with a phenomenon. It is important to identify which learning processes are really important and relevant to the training and performance of this future professional in the school reality to deal with all this context of diversity.

KEYWORDS: schooling, Physical Education and Training.

1 Introdução

A temática desta escrita é a formação docente na perspectiva do acadêmico do curso de Educação Física, busco um novo olhar sobre essa realidade que é acrescentar ao debate a perspectiva do acadêmico e entender como o mesmo

* Mestranda do Programa de Pós Graduação do Centro Universitário La Salle – Unilasalle. Professora de Educação Física do Centro Universitário La Salle.

percebe seu processo de formação. Toda curiosidade nasce de uma relação direta com um fenômeno. De fato, percebo por meio das diferentes disciplinas que trabalho no ensino superior, principalmente nas disciplinas de Estágio Supervisionado, que algumas áreas do conhecimento da Educação Física são mais abordadas e desenvolvidas que outras. As áreas de conhecimento abrangidas pelo curso de Educação Física são bastante amplas. Todas visando buscar o conhecimento a partir dos movimentos do ser humano - como se fosse um grande “quebra cabeça” – de sorte que ao final do curso os acadêmicos deveriam estar com condições de juntar todas as informações passadas ao longo dos anos de estudo em seu fazer pedagógico.

No exercício da docência em curso de Educação Física, também percebo uma grande dificuldade de se aplicar a teoria na prática, e ou a organização dos conteúdos planejados no seu fazer pedagógico diário. Bem como a utilização de metodologias adequadas para a execução das práticas. As reflexões, diálogos, discussões vão criando um distanciamento deles com as teorias, contrapondo-se, desse modo, com as propostas pedagógicas escolares nas quais irão atuar. Percebo uma grande dificuldade de lembrar, de buscar todo o conhecimento transmitido e proporcionado para eles ao longo do curso. Apenas algumas aprendizagens são utilizadas por eles durante a prática da Educação Física na escola.

Com toda a dificuldade passada pelos acadêmicos para transpor a teoria na prática, surge minha mobilização para pensar, refletir, questionar sobre a significância das aprendizagens durante o curso de Educação Física, penso no que posso fazer para diminuir esse distanciamento dessas dificuldades.

A reflexão sobre a didática para a formação de futuros profissionais de Educação Física é justamente pensando na diminuição do distanciamento da teoria e da prática, crendo que somente a transmissão de conhecimento não é suficiente para suprir a formação para a organização e planejamento dos conteúdos. Sinto uma necessidade de um maior espaço para reflexão, discussão, questionamento e diálogo, para pensar no futuro profissional de Educação Física no seu papel e na sua importância no trabalho pedagógico dentro das escolas.

A minha inquietação, em relação a essas questões me levam a querer pesquisar para diminuir o distanciamento entre professores e acadêmicos.

Penso que qualificando as nossas práticas, professores do nível superior, estaremos qualificando as práticas dos acadêmicos.

Além das aprendizagens significativas para a formação do profissional de Educação Física, refletir também sobre a forma como esses conhecimentos são transmitidos para os acadêmicos, ou seja, a didática utilizada pelo professor universitário. Tento aproximar as experiências de quem atua com a prática com quem pesquisa a mesma temática, para os acadêmicos serem capazes de questionar, refletir, discutir, dialogar e envolver-se nas temáticas sobre educação e ensino.

Para isso, a metodologia utilizada neste estudo foi uma abordagem qualitativa, através de entrevistas semiestruturadas, em uma Instituição de Ensino Superior Particular da região metropolitana de Porto Alegre/RS, no primeiro semes-

tre de 2009, pretendo compreender o processo de formação dos acadêmicos. As entrevistadas foram realizadas com 3 acadêmicos do estágio II e 3 do estágio III do curso de Educação Física Licenciatura.

O problema desta pesquisa é: que aspectos da Aprendizagem Significativa, na perspectiva de Ausubel, os acadêmicos da Instituição Particular Pesquisada desencadeiam em seus processos formativos, e como o curso de Educação Física e a Instituição Pesquisada podem contribuir para dinamizar e aprofundar essas aprendizagens?

Entre as questões norteadoras destaco: será que as aprendizagens se tornam significativas pela sua aplicabilidade na prática? Será que elas são relevantes para a formação do futuro profissional? O que dá significado para um aprendiz? Quando a aprendizagem é significativa? Quais aprendizagens mais significativas ao longo do curso de Educação Física? Por quê?

Tendo como objetivo geral compreender e observar as aprendizagens significativas para os acadêmicos de Educação Física, fazendo a relação com a teoria e prática no seu fazer pedagógico.

Compreendendo como objetivos específicos: questionar os acadêmicos visando às aprendizagens no curso de Educação Física. Observar a prática dos acadêmicos e os procedimentos metodológicos utilizados por eles na prática da educação Física escolar.

No âmbito da Educação Física, existem muitos estudos sobre fisiologia, biomecânica, neurologia; mas penso na totalidade do indivíduo, enquanto futuro profissional e o quanto o curso de Educação Física influencia existem poucos estudos.

2 Uma breve fundamentação teórica

Quando se ensina não se pode pensar em colocar um ponto final no conhecimento – enquanto algo como já aprendi tudo – tenho que estar em uma constante busca e aprimoramento.

De acordo com Freire (2005), não posso transformar o ensino e a experiência educativa em mero treinamento técnico sem pensar na totalidade do indivíduo, senão estaria tornando o ensino mesquinho e sem um caráter formador.

O educador precisa pensar no futuro de seus educandos, condições para que esse compreenda as aprendizagens, o que esse só será capaz de fazer se este aprender a pensar, refletir, questionar e discutir sua prática no contexto escolar (CAUDURO, 2002).

Muitos acadêmicos terão seu primeiro contato com a escola e a prática da Educação Física somente nos estágios obrigatórios, com isso há uma dificuldade maior na aplicabilidade da sua prática e a relação com uma teoria adequada para a realidade da escola onde estão estagiando. Ao olhar dos acadêmicos entrevistados, os professores ensinaram as teorias e muitas vezes falaram em aula, mas consideram muito difícil aplicar essa teoria na prática, alegando que a realidade é

muito diferente e a relação com os alunos das escolas não é fácil, dificultando assim a relação teoria e prática.

Penso que o acadêmico ainda tem dificuldades em questionar sua prática, acredito que isso acontece pela pouca experiência e observação da realidade em que irão atuar. Segundo Kunz e Souza (1998), é importante dentro do conceito crítico essa capacidade de questionar e analisar as diferentes realidades, bem como suas condições e complexidades. Tendo em vista essa fundamentação teórica, essa concepção da educação é possível pensar um agir comunicativo, racional e bem fundamentada teoricamente.

No contexto da Educação Física, é comum para sua maioria esperar apenas “ordens” ou receitas, de como executar determinado movimento, o que também é mais facilmente aceito pelos alunos. Pensando numa pedagogia crítica, precisa-se desenvolver a capacidade do diálogo para que haja o agir comunicativo, abrindo espaços para a argumentação e questionamentos sobre a realidade.

Para que isso ocorra, é de suma importância uma construção de diálogo enquanto possibilidades maiores, de compreensão dos conteúdos e das aprendizagens, que são proporcionadas na prática fundamentada. Porém, também se faz necessário pensar no diálogo entre prática e teoria, para buscar e construir conhecimentos e saberes constantemente.

Conforme Petraglia (2002), com base no pensamento de Edgar Morin, diz que a complexidade do pensamento é o grande responsável pelo aumento do saber. Então, se não existe um saber total e sim um saber sempre em construção e que nunca se esgota.

Essa complexidade do pensamento, se por um lado nos possibilita transportar o conhecimento para a prática, por outro lado vemos que isso não é tão simples, nem é tão fácil ensinar, porque, se assim fosse, qualquer um aprenderia e qualquer um ensinaria, bastava ter experiência como, por exemplo, andar pelas praças e ruas e que poderíamos ensinar o que vivenciamos ou vimos nessas. Há uma complexidade e um distanciamento entre teoria e prática, essa deve ser amenizada ou diminuída por nós docentes para os nossos discentes.

Freire (2003) diz que respeitar os saberes populares é o respeito pelo contexto cultural é de sua importância para não se fazer uma dicotomia entre o saber popular e o saber erudito, alongamento assim a compreensão de mundo. Dentro da realidade escolar, é importante fazer uma ligação entre a teoria ensinada no curso de Educação Física e a realidade cultural dos alunos, mas para isso se faz necessário dialogar, discutir, para só então executar uma prática corporal adequada há realidade, das aprendizagens.

Após essas citações surge minha inquietação de saber se há aprendizagem significativa no curso de Educação Física, e se é possível aproximar a teoria da prática, bem como se é possível que a didática dos professores, favorece ou não a discussão o diálogo.

De acordo com Alves (2006), não basta apenas repassar lista de leituras obrigatórias, é necessário despertar o paladar – como o autor compara leitura com o ato de comer, ou seja, fazer com que o acadêmico crie o prazer de ler, de comparar, de discutir, de questionar, enfim de dialogar.

A importância da leitura se dá pelo fato de que o professor precise embasar teoricamente sua discussão, e seu fazer pedagógico. Para isso é importante que eles compreendam esse diálogo que vai se criando entre a teoria e a prática, bem como sua importância. Temos também que pensar, que devemos incentivá-los e não desprezá-los.

Freire (2005) diz que mesmo um discurso que ele considera de uma incompetência absoluta, não cabe a ele menosprezá-lo, por mais raiva que isso dê ou provoque, porque ensinar, não é apenas transferir conhecimento, mas pensar certo, e isso é uma postura exigente muitas vezes penosa, que todo professor precisa enfrentar. Ensinar é também aprender constantemente é ter condições de perceber as diferenças e viver o que se aprendeu com o outro.

Pensando dessa forma, não podemos reduzir o papel do professor apenas ao de técnico, mas precisamos igualmente discutir questões relativas às finalidades político-sociais. Dessa forma, as questões para reflexão são o porquê que ensinamos e principalmente, que alunos queremos formar? (CALDEIRA, 2001).

Pensar a prática pedagógica e a formação do profissional de Educação Física é aproximar a teoria dos problemas enfrentados pelos profissionais que atuam na escola no cotidiano. Existem alguns pensadores que priorizam novos procedimentos e estratégias didáticas, mas não há um momento para reflexão sobre muitos deles (MOLINA e NETO, 2001).

Essa construção da prática se dá através da teoria e das experiências que ao longo das nossas vidas vamos adquirindo. Penso que não podemos afastar a teoria da prática, mas temos que aproximá-las e entendê-las no contexto da formação profissional. Para ensinar preciso perceber as diferenças e diversidades que existem no contexto escolar e no processo da formação profissional.

Pimenta (2006), em seu livro *O Estágio na Formação de Professores – Unidade Teoria e Prática*, discute o conceito de Práxis a partir da teoria marxista e, enquanto afirma que a atitude (teórico-prático) humana de transformação da natureza e da sociedade não é suficiente para se conhecer e interpretar o mundo (teórico), é preciso transformá-lo pela práxis.

Pensamos aqui a transformação como algo que temos ou queremos fazer na prática, mas para isso necessitamos da teoria. É essa compreensão que temos que tentar transmitir para o acadêmico de Educação Física, que a teoria e a prática caminham juntas e que necessitamos delas para uma prática com qualidade.

De acordo com Brauner (1999), a integração teoria e prática é um dos princípios fundamentais na formação, pois possibilita orientar o conhecimento para a construção de um saber.

A problemática do distanciamento da teoria e da prática é algo emergente e necessária, para uma formação, mais qualificada do profissional de Educação Física.

2.1 Formação do profissional de Educação Física

Na história da formação de Professores de Educação Física no Brasil, percebemos a influência militar. Com a criação em 1810 da Escola Militar, que introduzia a ginástica alemã. Em 1922, foi criado o Centro Militar de Educação Física, com o objetivo de difundir essa prática (FILHO, 2004).

Como no início a formação dos profissionais de Educação Física era de escolas militares, Nada mais óbvio, a influência militarista dentro da Educação Física, e mesmo com a passagem do tempo essa influência foi muito forte até meados dos anos 80.

Com todo o movimento político de 1968, é importante salientar que a Educação também foi adaptando-se e alterando-se ao longo dos tempos. Os objetivos na formação dos profissionais tiveram inúmeras abordagens, como tecnicista numa perspectiva técnica, pensando em corpo e máquina. Depois passamos para uma educação mais de um ensino mais social e reflexivo. Como vemos em leituras anteriores a educação e a política andam juntas, e acreditamos que com a crise política que viemos vivendo, também temos a crise da educação.

Com a crise na Educação temos a crise de formação, também. No cunho da nossa pesquisa está o olhar ao acadêmico, a preocupação de escutar a fala desse futuro profissional. Tanto que temos hoje na academia diversas pesquisas sobre Formação dos Profissionais, percebemos um olhar atento a esse tema.

Pensando no contexto de formação acadêmica, não podemos ser apenas transmissores de conhecimento, ou seja, repassar o conhecimento ou reproduzir esse, e sim fazer com que se criem valores e reais conhecimentos, para a prática desse futuro profissional (FLECHA, 2000).

Gadotti (2002) escrevendo sobre a importância da conversação livre, enfatiza a importância do aluno ser capaz de apropriar-se a seu modo do aprendido. Podemos pensar nessa aprendizagem por meio do diálogo. De acordo com Freire (2005), não podemos transformar o ensino e a experiência educativa em mero treinamento técnico sem pensar na totalidade do indivíduo, senão estaríamos tornando o ensino mesquinho e não com um caráter formador.

A preocupação sobre formação de professores não é nenhuma novidade no ambiente acadêmico, inclusive no Encontro Internacional de Educação do Conesul, de 1993, criou-se um grupo de pesquisadores sobre a formação de professores (TRIVIÑOS, 1996). Nesse Encontro, várias questões, sobre Educação na América Latina foram discutidas e levantadas, bem como foram suas preocupações, que precisam de soluções urgentes.

Antes de tentar encontrar essas soluções tenho que pensar em desconstruir algumas imagens que ao longo da história foram sendo construídas enquanto ideais e adequadas para ser professor. Aqui, posso trazer a questão da formação do ideal de ser professora (BASTOS, 2004). Neste artigo, a autora coloca como foi construído historicamente esse ideal de professora, “a professorinha”, ou

como o Estado e a Imprensa foram construindo essa dita professora ideal. Tento aqui pensar em como até hoje, temos essa imagem. Acredito que aqui começa a minha desconstrução como professora, não que me visse como “a professorinha”, mas de como tenho a questão da educação tradicional, a de transmissora de conhecimento encarnada em meu fazer pedagógico.

Na tese de Doutorado da Professora Dra. Vera Brauner¹, a mesma se preocupa em discutir o currículo dessa formação, para que se tenha uma participação efetiva dos estudantes no decorrer de sua formação. Pensamento que nos levou a pensarmos em escutar nosso acadêmico e perceber suas práticas significativas. Observações feitas por nós e que nos levaram ao mestrado com vários questionamentos.

Nossos currículos também tem que se adequar ao cultural, ao que está acontecendo hoje dentro das salas de aula em todos os níveis, porque a questão é que nosso aluno precisa ter compreensão do processo e fazer parte dele, e não simplesmente uma formação tecnicista. Temos que pensar numa formação crítica reflexiva, mas nosso acadêmico precisa ter compreensão desse processo.

Para o acadêmico ter compreensão desse processo, preciso situar ele, compreender sua cultura para termos um currículo que faça que ele chegue ao seu objetivo com total compreensão e busca de um conhecimento e saber para adequar as atividades a realidade da qual irá trabalhar no futuro. Nas entrevistas realizadas, os acadêmicos citam a necessidade de estar atuando na prática e a importância dos estágios obrigatórios. Quando isso ocorre, eles começam a se sentir mais seguro com sua prática e a fazerem questionamentos e perceberem a importância da sua formação.

Nosso acadêmico precisa entender o objetivo da profissão, onde pretende chegar, aprender a pensar, a questionar a compreender em toda sua totalidade (BRAUNER, 1999).

A Formação do Profissional de Educação Física tem que garantir a apropriação do conhecimento, do processo pedagógico para a compreensão, da teoria e da prática, entender porque tal jogo é importante para aquela faixa etária e porque essa prática é significativa.

Conhecer a história da Educação e da Educação Física é importante para buscarmos sustentação teórica e compreender a crise e o que pode ser mudado e transformado na formação desses profissionais.

Para encerrar, é necessário refletir sobre as práticas pedagógicas realizadas em nossa atualidade e também nas aprendizagens significativas para o acadêmico na sua formação teórico-prático em sua totalidade nas relações pedagógicas.

¹ Seu estudo foi “A Formação do Professor de Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Tendências Teóricas”, defendida em 1999.

2.2 Teorias da Aprendizagem

No primeiro momento temos que definir o que são Teorias de Aprendizagem e suas correntes filosóficas.

As Teorias de Aprendizagem são construções que buscamos de uma forma sistemática para interpretar uma área de conhecimento que é chamada de aprendizagem (MOREIRA, 1999).

Nesse contexto encontramos as aprendizagens cognitivas e afetivas. A primeira voltada para o ato de conhecer e a segunda trata de experiências vivenciadas, por exemplo, prazer e dor, alegria ou ansiedade, e assim, sucessivamente (op. Cit., p. 13).

Encontramos como correntes filosóficas: Comportamentalista, Humanista e Cognitivista.

Pela leitura feita do Projeto Político Pedagógico do curso de Educação Física de uma Instituição Particular da região metropolitana, no Rio Grande do Sul, que pesquisei a corrente filosófica em que ele se encaixa é a Humanista.

Essa corrente valoriza o indivíduo, visando à autorealização. O indivíduo é valorizado também pelas suas ações, seus pensamentos, seus sentimentos e não só seu intelecto, mas visa a uma formação mais ampla do indivíduo, não apenas o conhecimento.

De acordo com essa corrente filosófica, encaixo com a perspectiva da Teoria de Aprendizagem Significativa de Ausubel, que tem uma abordagem dos mapas conceituais, que não é meramente tecnicista, e sim inserida em uma teoria educacional construtivista, em que o acadêmico vai construir seus significados dos seus acertos conceituais com uma predisposição afetiva para essa construção (FARIA, 1995).

A aprendizagem significativa é nada mais nada menos que um processo de ensino motivador ao aprendiz a relacionar o novo com o que ele já conhece.

Para Ausubel (1978), compreende-se que a aprendizagem significativa é a aquisição de novos significados dos conhecimentos prévios do aprendiz, e essa é uma variável crucial para a aprendizagem significativa.

Penso aqui que quando o acadêmico está aprendendo a teoria, ele está adquirindo novos significados para algumas coisas que ele já sabe, desde que esse consiga fazer relações com sua prática. Para fazer relação com sua prática é importante que o acadêmico aprenda a perguntar, quando ele formula perguntas ele estará aprendendo de forma significativa e conseguirá aplicar na sua prática. Nas entrevistas realizadas, os acadêmicos compreendem que o interesse dele é importante para sua formação, se ele não buscar as soluções não conseguirá aplicar a sua prática, mas percebi durante as entrevistas que essa busca ainda acontece em forma de “receita”, ou seja, ele busca literatura com atividades ou brincadeiras para aplicar na sua aula, e não um teórico para embasar sua prática, mas os questionamentos começam a aparecer, mas ainda falta querer buscar as respostas.

Trago um resumo dado pelo próprio Ausubel (1978): “Se tivesse que reduzir toda a psicologia educacional a um só princípio, diria o seguinte: o fator isolado mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já sabe. Averigue isso e ensine-o de acordo”.

Colocado dessa forma pode parecer fácil, mas temos que conceituar para compreender o que Ausubel quer dizer.

De acordo com Moreira (1999), quando Ausubel diz “aquilo que o aprendiz já sabe”, ele está referindo-se à “estrutura cognitiva”, ou seja, como o aprendiz organiza suas ideias, ou como na aprendizagem ele organiza os conteúdos de uma área em particular. E quando ele diz “averigue isso”, significa “desvelar a estrutura cognitiva preexistente”, em que os conceitos, ideias, proposições disponíveis na mente, nas inter-relações e na organização do indivíduo deverão ser mapeados, o que não é uma tarefa fácil, porque não se consegue realizar isso com testes convencionais, senão vai acabar enfatizando o conhecimento factual e a memorização.

Numa abordagem inicial sobre a aprendizagem significativa, dizemos que a aprendizagem será significativa se as ideias expressas simbolicamente (por exemplo, em uma frase) forem relacionadas às informações relevantes, previamente adquiridas pelo aprendiz. Se este não tiver o suporte ideacional pertinente, a aprendizagem será mecânica (rote learning) (FARIA, 1995). Temos que pensar que a aprendizagem é significativa quando essas ideias são expressas simbolicamente, ou novos conceito se tornem significativas para o aprendiz, ou seja, quando ele consegue resolver problemas e formular perguntas sobre esse novo conhecimento.

Dessa forma, podemos exemplificar e relacionar a teoria na prática, a teoria passará a ter uma maior relevância para o acadêmico, porque ele terá a compreensão da conexão dessas. Mas, caso o acadêmico não consiga fazer essa relação com a aprendizagem essa será mecânica, ou seja, ele apenas irá executar o que lhe for é pedido. Aqui, compreendemos o que dá significado para a aprendizagem que é a formulação de perguntas sobre o conceito ou a teoria ou a prática.

As aprendizagens que os acadêmicos consideraram mais significativas ao longo do curso de Educação Física foram, as disciplinas práticas, porque eles conseguem aplicar elas na suas aulas durante o estágio. Aqui encontrei uma questão que é a falta de questionamento, quero dizer o acadêmico teve uma aula prática com várias atividades e brincadeiras, então eles simplesmente as aplicam para seus alunos, sem nenhum questionamento sobre porque, para que e com qual objetivo. Posso então pensar em retornar a pergunta: que aprendizagens são significativas? De acordo com a teoria de Ausubel, ela é significativa quando consigo perguntar sobre ela, senão ela será mecânica, mas também sobre a teoria de Ausubel, ele não descarta o processo mecânico acredita fazer parte da aprendizagem significativa, porque o aluno vai aprender mecanicamente, mas, ao longo de sua aprendizagem, ele vai aprender que as atividades e brincadeiras prontas não

serão suficientes, ele terá que saber os objetivos e porque ele está realizando essas. Em algumas entrevistas dos acadêmicos do estágio III, eles começam a ter essa compreensão, porque já tem uma certa experiência prática e percebem que simples execução sem questionamentos nem sempre funciona.

O acadêmico percebe que é o organismo ativo dessa construção, mas é importante salientar que para a manipulação dos instrumentos da aprendizagem significativa e para a transformação dos conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação tem que levar em conta as suas condições. Penso nessa forma no próximo capítulo me detenho em escrever sobre o acadêmico.

2.3 Um olhar ao Acadêmico

...Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítico é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora e ensaiam a experiência profunda de assumir-se (Freire, 2005, p. 41).

Essa citação encaminha nosso pensar sobre a temática desse estudo, além de salientar que se faz necessário que o acadêmico assuma e compreenda sua formação como futuro profissional de Educação Física.

Mas também é importante levar em conta a cultura em que esse acadêmico está inserido, pensando em maneiras de provocar nele a aprendizagem de sorte a proporcionar novos conhecimentos e novas culturas. Lembrando igualmente que as escolas em que ele vai atuar também são pertencentes há uma determinada cultura.

Assim reflito a importância de tentar situar um pouco melhor ou até mesmo conceituar melhor cultura.

Para Edward Tylor (1871), a cultura é: “aquele conjunto de elementos que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, usos e quaisquer outras capacidades e costumes adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade”(apud. CRESPI, 1997, p. 13).

Após o segmento da leitura, observa-se que numa análise histórico-crítica, feita por Alfred Kroeber e Clyde Kluckhohn, em 1952, existem inúmeras definições e interpretações sobre o que é cultura. Kluckhohn in Crespi (1997), sintetizou ou listou essas definições e interpretações como sendo:

- 1) O modo de viver de um povo na sua globalidade;
- 2) A hereditariedade social que um indivíduo adquire no seu grupo de pertença;
- 3) Uma maneira de pensar, sentir, crer;
- 4) Uma abstração derivada do comportamento;
- 5) Uma teoria elaborada pelo antropólogo social sobre o modo como efetivamente se comporta um grupo de pessoas;
- 6) A globalidade de um saber coletivamente possuído;
- 7) Uma série de orientações generalizadas relativamente aos proble-

mas recorrentes; 8) Um comportamento aprendido; 9) Um mecanismo para regulação normativa do comportamento; 10) Uma série de técnicas que permitem a adequação, quer ao ambiente circundante, quer aos outros homens; 11) Um aglomerado de história, de um mapa, de uma peneira, de uma matriz (p. 13).

Como essa citação não posso pensar a cultura como algo delimitado, fixo, ou seja, cultura não tem apenas um conceito, mas vários, cada qual com seus significados e representações.

Penso que dessa forma é inevitável fazer uma relação com nossa área de atuação, a Educação Física. Para Rosa (2003), por exemplo, cultura e práticas corporais são mais que objetos são ações, processos, experiências e participações, em terrenos multifacetados, e que podem ser contornados e ou resistir a manifestações predominantes.

Já Crespi (1997), traz-me a idéia de que cada indivíduo nasce em um contexto social, em uma cultura específica, a qual lhe é transmitida pelos adultos pela linguagem, pelos hábitos alimentares, pelas expressões de afeto, pela educação e pela definição de papéis. E um segundo momento, este se sente capaz de negar o que aprendeu, podendo assim modificar o que foi produzido, criando desse modo novos significados.

De acordo com essa colocação do autor, a ideia de que existem culturas inferiores ou superiores, cai por terra, tendo em vista que o ponto de referência de cada elemento de uma determinada cultura são os códigos ou regras do seu ambiente cultural.

Ainda que penso que algumas formas culturais sejam irracionais, cruéis ou pervertidas, Da Matta (1981), acredito que existem homens capazes de entendê-las – ainda que seja para evitá-las, como fazer por exemplo com o crime – é uma tarefa inevitável – que faz parte da condição do ser humano.

A cultura permite uma melhor compreensão das diferenças entre as sociedades e relações estabelecidas entre os homens, e acredito que a escola e a Instituição de Nível Superior constituem-se num espaço onde essas diversas sub-culturas se apresentam, formando uma teia de relações que representam a identidade de grupos, cidade, estado, país que podem ser acolhidas ou caladas formando assim uma teia de relações que as instituições escolares precisam levar em consideração. Motivo pelo qual a escola e a universidade devem constituir-se num ambiente de valorização da identidade de educadores e educandos, onde o respeito mútuo configura a prática educativa.

Ou mais especificamente preciso refletir sobre a identidade dos meus acadêmicos. Ou melhor, preciso refletir sobre o papel que nossos educandos vão assumir e o respeito que esses precisam ter da cultura popular. Mas se queremos educar esses acadêmicos, para o multi-culturalismo precisamos respeitar este educando, que vem para a academia com suas crenças e sua cultura. De fato, muitas vezes também não aproximamos nossa linguagem à realidade do acadêmico para que possa encaminhar a sua reflexão para novas experiências e oportunidades, bem como, comece a usar linguagens se expressar com novas formas de pensar.

Dayrell (1996) analisa a escola como um espaço sócio cultural, cujo significado precisa ser compreendido numa nova ótica cultural. Onde a escola é um local permanente de construção social. Nem sempre esse espaço foi visto dessa maneira, mas a partir da década de 80, iniciou-se um novo olhar, um olhar que buscava superar os determinismos sociais e pensar que a natureza, as estruturas e a sociedade são antes de tudo humanas. Pensando assim, a escola e a universidade são um espaço com múltiplas relações sociais, onde há, sujeitos culturais e diversas formas de atuação desses sujeitos. Essas relações sociais e atuações entre esses sujeitos se tornam uma trama complexa que, envolve alianças e conflitos, normas e estratégias individuais e coletivas, bem como práticas e saberes que vão dando forma à vida escolar e acadêmica.

Penso nessa escrita buscando inspiração na leitura da dissertação de mestrado de Jocimar Daolio² (2004), que procurou colocar a Educação Física enquanto uma construção social, já que o corpo não é só fisiológico ou orgânico, mas também um corpo que se expressa em vários sentidos e formas, bem como de diferentes maneiras em grupos diversos. Na sua pesquisa surgiu a questão de como os profissionais de Educação Física vão construindo sua prática através do entendimento e da tradução das noções de uma dada sociedade e nos termos de sua cultura. O autor analisou e conclui que muitos professores buscam transmitir essa prática através do seu entendimento de corpo como livre e despojado, pensando um corpo semelhante da sua percepção de quando eram crianças brincando junto com a natureza (2004).

Dessa forma construímos nossa prática a partir dos nossos conhecimentos prévios e de nossa percepção do meio em que vivemos. Penso assim, entender que o acadêmico também vai construir sua prática a partir do seu conhecimento corporal prévio de suas vivências. Tenho que a partir daqui construir novos conhecimentos, situar nosso acadêmico na academia intelectual, que ele tenha percepção que novos conhecimentos são possíveis e necessários. Como a priori o acadêmico percebe a academia intelectual, o que ele busca encontrar nessa. Essas são questões pertinentes dessa investigação.

Mas como nosso acadêmico irá fazer isso se, de acordo com Flecha (2000), a sociedade informacional requer uma educação intercultural, na qual os conhecimentos e os valores, assim como a vontade de corrigir a desigualdade das situações e das oportunidades se formam mais prementes.

Para formar os futuros profissionais tenho que estar preparada para toda essa diversidade e transformação cultural. Tenho que pensar em construir uma proposta educativa de acordo com a nossa realidade, e principalmente do nosso acadêmico. Para as aprendizagens se tornarem significativas, temos que nos aprofundarmos teoricamente e também ouvir o que nossos acadêmicos trazem de sua prática educativa.

² Sobre sua dissertação de mestrado que tinha como temática a atuação dos professores de Educação Física da rede pública estadual de São Paulo tendo como referencial teórico a Antropologia Social. Após situar esse autor e sua temática, direciono minha escrita para a minha prática da Educação Física.

3 Considerações finais

Com as reflexões feitas nesse artigo sobre a formação docente na perspectiva do acadêmico do curso de Educação Física, percebo um longo caminho que existe para aproximar a prática da teoria, e o quanto temos que ouvir o acadêmico. Essa fala do acadêmico aproxima ele do professor, facilitando a compreensão das suas dificuldades em aplicar a teoria na sua prática.

A construção da prática se dá através da teoria e das experiências que ao longo das nossas vidas vamos adquirindo. Penso que não podemos afastar a teoria da prática, mas temos que aproximá-las e entendê-las no contexto da formação profissional. Para ensinar preciso perceber as diferenças e diversidades que existem no contexto escolar e no processo da formação profissional.

Quando pensamos em Práxis, pensamos na atividade docente, porque a prática do professor é que a aprendizagem ocorre em consequência da atividade de ensinar (PIMENTA, 2006). No seu livro *O Estágio na Formação de Professores – Unidade Teoria e Prática (2006)*, Selma Garrido Pimenta traz o conceito de Práxis de acordo com Marx “é a atitude (teórico-prático) humana de transformação da natureza e da sociedade. Não basta conhecer e interpretar o mundo (teórico) é preciso transformá-lo (práxis)”.

Temos que pensar na transformação como algo que temos ou queremos fazer na prática, mas para isso necessitamos da teoria. É essa compreensão que temos que tentar transmitir para o acadêmico de Educação Física, que a teoria e a prática caminham juntas e que necessitamos delas para uma prática com qualidade.

Essa construção do saber deve ser consciente por parte do acadêmico, para que, desse modo, a qualidade no fazer pedagógico no âmbito escolar, efetive-se e assim diminua a insegurança do mesmo, quando esse vai para a prática.

Existe uma relativa independência entre teoria e prática. Mas a prática não se comunica sozinha ela necessita da teoria para fazer a relação (PIMENTA, 2006). A compreensão teórica do conhecimento por parte do acadêmico é fundamental para que a aplicação desta na prática, efetive-se. Ou seja, a atividade teórica serve para estabelecer finalidades no processo de transformação da prática, bem como para encontrarmos os meios de transformá-la pelo conhecimento teórico construído.

Pensando no âmbito da Educação Física, temos que levar em conta que esse profissional não utiliza na sua atividade profissional apenas o corpo, ou exclusivamente o intelecto, o profissional de Educação Física tem que articular a teoria com a prática.

O acadêmico que pratica uma reflexão sobre sua prática relacionando-a à teoria tem grandes possibilidades de tornar sua atividade profissional diferenciada em relação aos demais profissionais, além de fazer a diferença no campo em que atua.

Acredito ser muito importante, neste momento, salientar o quanto o acadêmico de Educação Física tem dificuldades em compreender as disciplinas teóri-

cas, enquanto aprofundamentos conceituais, para aplicá-los as disciplinas práticas. Cito, como exemplo, a disciplina de psicologia da Educação, que pode muito bem ser aplicada nas disciplinas de Educação Física Anos Iniciais, Ensino Fundamental e Ensino Médio. A relação quase não é feita pelos acadêmicos, ou apenas poucos fazem essa relação.

O profissional com uma formação realmente humanista e não tecnicista sobre a Educação Física. O profissional que faça a diferença a partir de sua própria reflexão.

Referências

- ALVES, R. *Entre a Ciência e a Sapiência: o dilema da Educação*. São Paulo, SP: Loyola, 15. ed., 2006.
- AUSUBEL, D. P. *Psicologia educativa*. México: trillas, 1978.
- BASTOS, M. H. Histórias da Profissão Docente no Brasil: mosaicos de uma formação. In: TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva (org.). *História e Formação de Professores no Mercosul/ Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- BRAUNER, V. L. P. *La Formación Del Profesorado de Educación Física Em La UFRGS, Porto Alegre (Brasil) – Tendências Teóricas*. Tese de doutorado: Departamento de Teoia I História de L'Educació Divisió de Ciències de L'Educació Universitat de Barcelona, 1999.
- CALDEIRA, A. M. S. *A Formação de Professores de Educação Física: Quais os saberes e quais as habilidades?*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, SP, vol. 22, n.3, p. 87-103, maio 2001.
- CAUDURO, M. T. *Motor... Motricidade.... Psicomotricidade... Como entender?* Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2002.
- CRESPI, F. *Manual de Sociologia da Cultura*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997
- DAOLIO, J. *Da cultura do corpo*. Campinas, SP: Papirus, 8. ed., 2004.
- DAYRELL, J. (org). A escola como espaço sócio-cultural. In: *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo horizonte: Editora UFMG, 1996.
- FARIA, W. de. *Mapas Conceituais: aplicações e avaliação*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1995.
- FILHO, L. C. *Educação Física No Brasil – A história que não se conta*. 10. ed., Campinas, SP: Papirus, 2004.
- FLECHA, R.; TORTAJADA, I. Desafios e saídas educativas na entrada do século. In: IMBERNÓN, F. (org.). *A educação do século XXI: os desafios do futuro imediato*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. São Paulo, SP: Paz e Terra, 11. ed., 2003.
- _____. *A pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, SP: Paz e Terra, 31. ed., 2005.
- GADOTTI, M. *História das idéias pedagógicas*. 8. ed., São Paulo: Ática, 2002.

- KUNZ, E. (org.) e SOUZA, M. *Didática da Educação Física*. Ijuí: RS: Unijuí, 1998.
- MATTA, R. da. *Você tem cultura?* Rio de Janeiro: Jornal da Embratel, 1981.
- MOLINA, R. K.; NETO, V. M. *O Pensamento dos Professores de Educação Física sobre a Formação Permanente no Contexto da Escola Cidadã: Um Estudo Preliminar*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, SP, v. 22, n. 3, p. 73-85, maio 2001.
- MOREIRA, M. A. *Teorias de Aprendizagem*. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária Ltda, 1999.
- PETRAGLIA, I. C. *Edgar Morin: A Educação Complexidade do Ser e do Saber*. Petrópolis, RJ: Vozes, 7. ed., 2002.
- PIMENTA, S. G. *Estágio na formação de professores – unidade teoria e prática*. 7. ed., São Paulo: Cortez editora, 2006.
- ROSA, M. C. Corpo e Cultura. In: WERNECK, C. G et all. *Lazer, recreação e Educação Física*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- TRIVIÑOS, A. N. S. *Escola e constituição no cone sul*. Tendências e formalismo. Porto Alegre: Sagra, 1996.
- . *A pesquisa qualitativa na educação física*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Sulina, 1999.